

Maré de Histórias:

A contação de histórias como forma de perpetuação da memória nas favelas da Maré¹

Anna Carolina Jardim Motta Barillo Borré

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro²

ORCID: 0000-0003-0500-7992

Mário de Souza Chagas

Museu da República / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro³

ORCID: 0000-0003-0232-4757

Artículo de reflexión derivado de investigación.

Recibido: 18- 11-2018. Aprobado: 20-03-2019.

Resumo:

Este artigo apresenta a narração de histórias como uma forma de preservar a memória dos grupos sociais. Neste caso, a memória baseia-se num livro produzido através dos residentes do Complexo da Maré; do grupo de teatro Maré de Histórias; e do Museu da Maré, este último servindo como local para recriar e refazer histórias de vida e as suas décadas de história. Será feita referência, especificamente, à história intitulada "casamento na Palafita", encontrada no "Livro de Contos e Lendas da Maré", desenvolvido pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, representado pelo Projecto de Teatro e baseado na história do povo da Maré.

Palavras-chave: Memória; CEASM; Museu da Maré; Maré de Histórias; Casamento na Palafita.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

2 Bolsista CAPES. Turismóloga (CEFET Petrópolis, 2014). Estudante de mestrado em Museologia e Patrimônio - PPGPMUS (UNIRIO, 2017 - 2019). Correo: annajardim.ppgpmus@gmail.com

3 Poeta. Museólogo (UNIRIO, 1976); Mestre em Memória Social (UNIRIO, 1997); Doutor em Ciências Sociais (UERJ, 2003). Professor do PPGPMUS (UNIRIO). Um dos responsáveis pela Política Nacional de Museus (2003) e um dos criadores do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), do Cadastro Nacional de Museus (CNM), do Programa Pontos de Memória, do Programa Nacional de Educação Museal (Pnem) e do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Diretor do Museu da República. Correo: pmariosc@gmail.com

**Marea de historias:
La narración de historias como una forma de perpetuar la memoria en
los barrios bajos de Mare**

Resumen:

Este trabajo presenta la narración de historias como forma de preservación de la memoria de los grupos sociales. En este caso, la memoria se basa en un libro producido por intermedio de residentes del Complejo da Maré; del grupo teatral Maré de Historias; y del Museo da Maré, este último sirvió como local para recrear y reescenificar las historias de vida y sus décadas de historia. Se hará referencia, específicamente, a la historia titulada “casamento na Palafita”, encontrada en el “Livro de Contos e Lendas da Maré”, desarrollada por el Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, representada por el Proyecto de teatro y basado en el relato de los mareenses.

Palabras clave: Memoria; CEASM; Museo de la Marea; Marea de Historias; Boda en Palafita.

**Tide of Stories:
The telling of stories as a way of perpetuating the memory in the Mare
slums**

Abstract:

This paper presents storytelling as a way of preserving the memory of social groups. In this case, the memory is based on a book produced through residents of the Complexo da Maré; the Maré de Historias theater group; and the Museo da Maré, the latter serving as a venue for recreating and re-staging life stories and their decades of history. Reference will be made, specifically, to the story entitled “casamento na Palafita”, found in the “Livro de Contos e Lendas da Maré”, developed by the Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, represented by the Theatre Project and based on the story of the Maré people.

Keywords: Memory; CEASM; Museum of Tide; Tide of Stories; Wedding on Palafita.

Em termos introdutórios...

“A memória é um fenômeno construído”⁴ e por isso, político, representante de relações de poder, de forças que agem para enaltecer certos fatos em detrimento de outros. A construção da memória, como afirma Michael Pollak, depende dos interesses de agentes específicos: uma guerra é contada diferentemente do ponto de vista do vencedor e do perdedor; do ponto de vista do soldado e da viúva; do general e do acadêmico. Segundo tal autor, “a memória é seletiva”⁵, “constituente do sentimento de identidade”⁶, sendo memória e identidade “valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e, particularmente, em conflitos que opõem grupos políticos diversos.”⁷.

Neste contexto, pensar a história de um grupo social por meio de seus acontecimentos mais célebres, de datas históricas, como a criação de bairros, uma enchente que chegou aos jornais ou uma visita de um governante, por exemplo, não é o suficiente para compor a identidade coletiva de tais grupos. As lembranças de moradores acerca de acontecimentos, por alguns vistos como banais, que geram sentimentos e emoções específicas podem revelar muito mais de suas identidades coletivas que os dados históricos exemplificados logo acima. Escutar, escrever, publicar, encenar estas histórias, baseadas em vívidas lembranças, é fundamental para manter viva a memória coletiva.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs discorre sobre lembranças e identidade ao dizer que “não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.”⁸.

Assim pensando, pode-se entender que a memória coletiva se compõe de uma colcha de retalhos, costurada com várias lembranças, construídas, modificadas, criadas por aqueles que viveram e ouviram as histórias e que viram os fatos.

Acerca da identidade é relevante, ainda, destacar a posição de Denys Cuche, antropólogo francês voltado para a discussão da cultura no campo das ciências sociais, que diz que “a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.”⁹.

4 POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, CPDOC, 1992, pág. 204.

5 Ibid., pág. 4.

6 Ibid., pág. 5.

7 Ibid., pág. 6.

8 HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva. São Paulo: Vértice, 2013, pág. 39.

9 CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, EDUSC, 1999, pág. 177.

Como exemplo de movimentos de construção e ressignificação de identidades, compreende-se o grupo teatral *Maré de Histórias*.

O Grupo está baseado, atualmente, no espaço do Museu da Maré¹⁰, localizado à rua Guilherme Maxwell, 26, no Morro do Timbau, à altura da passarela 7 da Avenida Brasil, dentro do Complexo da Maré, e trabalha na manutenção das memórias dos *mareenses* - apelido conferido pelos próprios moradores - e na construção de suas supostas identidades. Por sua vez, o Projeto que compõe tal grupo se baseia no material produzido pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM, publicado pela editora Maré de Letras, cuja composição reúne contos e lendas das diversas comunidades do Complexo de Favelas da Maré sob o título *Livro de Contos e Lendas da Maré*.

À guisa de informação, sobre o Museu da Maré, percebe-se nas falas de Mário Chagas e Regina Abreu, o Museu da Maré como “desafiando a lógica da acumulação de bens culturais e da valorização das narrativas monumentais, na medida em que afirma como seu núcleo de interesse principal não a ação preservacionista, mas a vida social dos moradores da Maré e os processos de comunicação para dentro e para fora da favela”¹¹.

Para tais autores, acerca das narrativas escolhidas para protagonizar dado museu, pontua-se que:

(...) ele é mesmo um museu que extrapola as fronteiras espaciais e geográficas, temporais e históricas. Trata-se, a rigor, de um museu impregnado de humanidade, de um museu que, sendo da comunidade, rompe com a lógica do gueto, de um museu com excepcional valor simbólico, notável capacidade de comunicação e que, por tudo isso, torna-se a expressão viva de uma utopia museal de cidade que somente será construída se formos capazes de integrar as narrativas que formam seu rico acervo: as narrativas das camadas populares¹².

10 Compreendido como o “primeiro museu sediado numa megafavela, construído pela comunidade local, que trataria de temas locais e universais” (In: CHAGAS, Mário de Souza. ABREU, Regina. Museu da Maré; memórias e narrativas a favor da dignidade social. Revista MUSAS, 2007, pág. 131.).

11 *Ibíd.*, págs. 133-134.

12 *Idem.*

O CEASM e seu protagonismo nas ações voltadas à preservação da memória e da história das favelas da Maré.

Para entender as motivações para a criação do Livro; do Projeto Maré de Histórias e do próprio Museu da Maré, é relevante conhecer a história do CEASM desde sua criação.

Há, em 1997, a criação da Organização Não-Governamental *Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré* – CEASM. A ONG, já citada nesta pesquisa, “(...) foi fundada em 15 de agosto de 1997, por um grupo de moradores e ex-moradores da Maré, que, tendo chegado à universidade e militado no movimento social, se reuniu para desenvolver um trabalho sistemático de intervenção na realidade local, a partir de projetos relacionados à educação e à cultura.”.¹³

Segundo Cláudia Rose Ribeiro da Silva “O CEASM foi criado com a missão de promover ações qualitativas, integradas e de longo prazo no espaço local, visando melhorar a qualidade de vida dos moradores da Maré e contribuir para a superação das representações estereotipadas da favela que orientam a opinião pública em geral e, em particular, a opinião pública carioca.”.¹⁴

O CEASM, cuja gestão do Museu da Maré (2006)¹⁵ detém até hoje, iniciou sua atuação com a criação de um pré-vestibular comunitário, em 1998. Diversas são suas frentes de trabalho, com cursos preparatórios, jornal comunitário, grupos de dança e oficinas culturais. Aprofundou-se, em suas ações, com a criação da *Rede Memória da Maré*, “que objetiva preservar a história local e contribuir para a criação de uma identidade coletiva dos moradores” (ibid. p. 151). Desta Rede surge, em 27 de abril de 2002, o Arquivo Orosina Vieira – historicamente conhecida como *primeira moradora da Maré* – com acervo voltado ao abrigo de múltiplas fontes da história local.

Há, em 2003, a inauguração da Casa de Cultura da Maré, no espaço que hoje abriga o Museu. Em junho de 2003 é publicado o “Livro dos Contos e Lendas da Maré”, também sob curadoria do CEASM.

Durante os primeiros anos do século XXI, muitas atividades foram realizadas, dentro e fora da Maré, antes da criação do Museu: pela Rede Memória, exposições se deram em praças, escolas, instituições públicas e privadas, como o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RJ); o IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro; a Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense; o Castelinho do Flamengo – atual Centro Cultural Oduvaldo Vianna Filho; o Centro Cultural do Tribunal de Contas do Estado; e o Museu da República¹⁶.

13 SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. Maré: a invenção de um bairro. CPDOC, 2006, pág. 147.

14 Ibid., pág. 147.

15 A concretização do Museu da Maré com sua sede física se deu com recursos oriundos do Programa Cultura Viva - Pontos de Cultura (www.culturaviva.gov.br), de 2005, e com o apoio do Departamento de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e é posto no âmbito dos museus comunitários.

16 SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. Maré: a invenção de um bairro. CPDOC, 2006, pág. 154.

O livro e a Maré de Histórias.

O *Livro de Contos e Lendas da Maré* foi produzido em 2003, sob a curadoria dos membros do CEASM, e impresso por meio da editora Maré de Letras. Tal documento é composto por histórias colhidas ao longo dos anos, contadas por moradores: importa mais a memória construída do que a confirmação dos fatos – a veracidade dos contos e das lendas está embasada nas lembranças compartilhadas no passar das gerações.

Dividido por “favelas”, o livro apresenta contos e lendas urbanas, como *O Ensopado de Cobra*, *O Porco com Cara de Gente* e *A Figueira Mal Assombrada*, entre outros causos. Uma das histórias mais conhecidas e representadas é a do Casamento na Palafita, esta tendo sido exposta em matéria de jornal, disposta em vídeo na internet e encenada pelo Maré de Histórias. Dado conto, escrito por Jaqueline Olímpio, compreende das páginas 35 a 38 do Livro e é o primeiro do capítulo acerca dos contos da *Baixa do Sapateiro*.

O conto do casamento na palafita remete a uma época do Complexo em que as palafitas cobriam as favelas. Casas precariamente construídas sobre tábuas e caminhos fincados sobre a lama dos mangues da Baía de Guanabara eram a moradia de diversas famílias, majoritariamente nordestinas, que, nas décadas de 1940 e 1950, acompanhando a crescente de políticas de industrialização e urbanização da região sudeste, principalmente, chegam às capitais, migrantes, à procura de empregos – abundantes, num período de abertura de rodovias, fábricas e construção civil¹⁷.

O conto é apenas uma das diversas histórias encenadas pelos contadores de histórias do grupo *Maré de Histórias*. Há encenações da peça construída no youtube e no documentário Museu da Maré: Memórias e (re)Existências¹⁸.

O projeto trabalha o lúdico, aproveitando o que é contado pelos mais velhos nas comunidades. O grupo, formado por voluntários, além de aproveitar os contos do Livro, realiza pesquisa junto aos moradores e organiza rodas nas quais são trocadas experiências e escolhidas as histórias a serem contadas. O espaço do Museu da Maré é apropriado para os ensaios e algumas apresentações. O grupo é itinerante, se apresentando em escolas e eventos da comunidade. Após a contação das histórias, acontecem oficinas de pintura e desenho, nas quais as crianças podem ser instigadas a recontar as histórias ouvidas¹⁹.

17 No Rio de Janeiro, a construção da Avenida Brasil, em 1946, com o objetivo de melhorar a comunicação do centro da cidade com os subúrbios e com as vias intermunicipais e interestaduais é um exemplo deste movimento: muitos trabalhadores, migrantes, vem construir a rodovia e terminam por se mudar para as comunidades em seu entorno: na Maré, muitos construíam seus barracos no Morro do Timbau e na Baixa do Sapateiro, sendo as palafitas modelo de moradia principal da segunda.

18 Ver: www.youtube.com.

19 Ver: www.museudamare.org.br/maredehistorias.

Segundo o Museu da Maré²⁰, como exposto em seu site, “a experiência dos contadores de histórias é, sem dúvida, um importante meio de resistência da cultura local, de diálogo entre as diversas gerações, de preservação da memória e de construção da identidade coletiva.”.

CASAMENTO NA PALAFITA (do Livro de Contos e Lendas da Maré)

Faz mais de vinte anos que meu amigo Juvenal se casou... E não foi um casório normal, não. Na verdade, acho que foi o casamento mais estranho já acontecido na Maré. Nesse tempo, a Baixa do Sapateiro ficava quase toda sobre palafitas. E eu morava lá...

A cerimônia começaria às quatro da tarde, mas só comecei a me arrumar depois do almoço. Coloquei um vestido branco que uma tia me trouxe da Paraíba... já estava um pouco amarelado... sorte não estar ruído pelos ratos que invadiam o barraco à noite. Era quando a maré enchia e molhava o chão de madeira com a água podre do mangue. Procurei minhas bijuterias, que há tempos não usava. Encontrei-as num velho pote de biscoitos, escurecidas pela maresia.

Na pressa, esqueci de pegar um sapato emprestado com a vizinha e calcei um surrado salto alto. Só terminei de me aprontar no caminho da igreja. A cerimônia foi simples e rápida. Aconteceu na Igreja Nossa Senhora dos Navegantes – que era bem menor do que hoje e ficava na parte de terra firme...

Até aí tudo normal. Mas a grande surpresa estava reservada para a festa de casamento... Uma festa em plena palafita na Baixa do

Sapateiro, na casa do Juvenal. A distância entre a igreja e o local da festa não era muito grande... uns cinco minutos de caminhada sobre pontes de palafitas. Andava devagar, para não afundar o salto alto na madeira podre das pontes que ligavam um barraco ao outro. O barraco do Juvenal era maior que o meu. Tinha dois cômodos. Me impressionei com a organização: num canto da sala, em cima de uma mesa calçada com tijolo, estava o bolo. No outro canto, estavam os croquetes, refrigerantes e vários tipos de bebidas alcoólicas. E na entrada da casa, perto da porta, lá estava uma velha vitrola. Mas e os convidados? Quando já eram umas sete e meia, foram chegando aos poucos. Alguns vinham diretamente da igreja, outros de casa. Foram se espalhando pela casa e na ponte que ficava na frente dela. Bateu oito da noite e já estava tudo lotado! Era gente que não acabava mais. Só de parentes, devia ter uns 20 ou mais... gente que veio do norte, da Baixada e de vários outros lugares distantes... sem falar nos convidados e penetras - que não eram poucos!

A festa estava bem animada. O som da velha vitrola rolava solto – mesmo com a agulhinha pulando do meio de uma música para outra... os convidados comiam e bebiam... tinha um

²⁰ Idem.

tio do Juvenal que, de tão bêbado, já nem sabia quem estava se casando.

Tudo estava indo muito bem. Os noivos felizes, os amigos e parentes se divertindo... Até que apareceu um primo do Juvenal com um disco debaixo do braço dizendo que ia abalar. Quando o rapaz colocou o disco na velha vitrola, pensei que diabo ia sair dali. De repente, a surpresa: começou a tocar a música da Gretchen. Pra que? Foi uma danação. O povo começou a pular, as moças a rebolar, os rapazes a sapatear... todo mundo movido pelo efeito da bebida.

É medida que o "piri-piri-pipi" da Gretchen tocava, mais o povo dançava. Os noivos, dentro do barraco, só riam. E a música continuava: "piri-piri-pipi"... e o mundaréu de gente dançando sobre o frágil chão de madeira da palafita... "piri-piri-pipi"... se espalhando por todo o barraco... "piri-piri-pipi"... senti a ponte balançar... "piri-piri-piri-pipiripi-pam-pum-ai"... de repente ouvi um "creck".

Parecia uma caixa de ovos quebrando. Foi a coisa mais bizarra da minha vida... com a puladeira do pessoal, a ponte na frente do barraco desabou.

Quando dei por mim, estava com a cara na lama fedorenta... do meu lado, umas vinte pessoas com os cabelos grudados com o lodo sujo... Quem estava de branco ficou preto, quem já era preto ficou mais preto ainda... parecia até pegadinha do Faustão!... engraçado foi o tio do Juvenal que ficou atolado

na lama cantando: "piri-piri-pipi".

Ao sair da lama, encontrei o Juvenal desolado no canto do barraco. Dei um tapinha nas costas dele e falei: - Fica assim não! Seu casamento vai ficar marcado na história da Maré.

E não me enganei. Até hoje tem morador antigo que lembra do inusitado casamento na palafita.

Ainda segundo o Museu “trata-se de uma iniciativa marcada pela simplicidade, que não requer técnicas ou recursos rebuscados, valorizando-se pelo diálogo direto, a imaginação e a criatividade. (...) a Contação de História recupera a tradição oral, que renasce em novas histórias e resiste em velhos contos passados de geração em geração.”²¹.

Sobre os exercícios da memória, do poder e da identidade

Sobre os “velhos contos do passado”, supracitados, e seu resgate, mesclado com percepções pessoais dos moradores antigos, é possível relacionar a construção das histórias pelos autores (diretos e indiretos) do livro ao conceito de *lugar de memória*, proposto por Pierre Nora, no que este discorre sobre tais “lugares” como “nascendo e vivendo do sentimento de que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais.”²². Tem-se, assim, o ato de criar e recriar memórias como um ato político, de afirmação de poder.

Neste sentido, para Mário Chagas, “os museus são a um só tempo: herdeiros de memória e de poder”²³. O Museu, a Casa de Palafita, instalação expositiva do Museu da Maré, são ferramentas para a manutenção desta memória, para o exercício de tal poder da memória.

Sobre atos e memórias, Nora diz, ainda, que “se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrifica-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (...)”²⁴.

Assim sendo, a defesa da memória coletiva, a defesa dos contos e causos e lendas e das percepções dos mareenses, dos anciãos, dos atores, das crianças que aprendem e reproduzem, de sua forma, as histórias contadas são manifestações de resistência, manifestações das identidades da Maré, manifestações do poder do morador, da história periférica.

Há, para Freire-Medeiros²⁵, o desejo da Favela ser parte relevante da cidade, fugindo a noção de local violento, apenas, e do simplismo da ideia de patrimônio cultural material, prezando seu território

21 Idem.

22 NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, 1993, pág. 9.

23 CHAGAS, Mário de Souza. Memória e poder: contribuição para a teoria e prática nos ecomuseus. In: II ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS: COMUNIDADE, PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL Rio de Janeiro, 2000, pág. 13.

24 NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, 1993, pág. 9.

25 FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Favela como Patrimônio da Cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 2006.

e também seu simbolismo. Simbolismo presente nos causos, por exemplo.

Sobre a identidade social, ainda segundo Cuche, é possível entendê-la “pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc.”²⁶. Esta não se aplica somente para indivíduos como também para grupos, correspondendo a sua definição social, ora sendo inclusão e ora sendo exclusão. Desta forma, a identidade cultural pode ser vista como “uma modalidade da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural.”²⁷.

Assim, o mareense, por meio das histórias, se vê pertencendo a um grupo; cada favela no Complexo tem sua identificação, tal como todos os moradores do Complexo podem se ver pertencendo a um grupo, teoricamente: o de moradores da Maré.

Em conclusão...

O grupo teatral Maré de Histórias se utiliza da contação de histórias, teatralização de causos e lendas e oficinas com o público para trabalhar a rememoração de contos das próprias favelas do Complexo da Maré. Tal ação pode ser vista, além de atividade lúdica, como resistência dos moradores das comunidades para manter vivas suas tradições e culturas específicas. A identificação social, como disposto no texto, pode ser observada por meio destas ações. O teatro, o Museu da Maré, a instalação de palafita, são lugares de memória, são pontos de acesso e suporte para tais histórias, que vivem e se metamorfizam na cabeça de cada ouvinte.

Promover atividades lúdicas e de sensibilização de populações – no caso apresentado por este artigo, dos mareenses e daqueles, que mesmo de fora do complexo são afetados pelas histórias contadas – é necessário para lutar por poder, poder de escolha, de voto, de liberdade. Nesta medida, é importante ressaltar o trabalho do CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, por incentivar a luta por direitos e pela liberdade das populações que nestes territórios vivem, assim como do Museu da Maré, que funciona como vetor de tais atividades.

26 CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, EDUSC, 1999, pág. 177.

27 *Idem*.

Referencias teóricas

ARAÚJO, Helena Maria Marques. Museu da Maré: entre educação, memória e identidades. (Tese). Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2012.

CHAGAS, Mário de Souza. Memória e poder: contribuição para a teoria e prática nos ecomuseus. In: II ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS: COMUNIDADE, PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: www.ecomuseusantacruz.com.br/uploads/.

_____ Há uma gota de sangue em cada museu: A ótica museológica de Mário de Andrade. Editora Argos, 2006. 139 págs.

CHAGAS, Mário de Souza. ABREU, Regina. Museu da Maré; memórias e narrativas a favor da dignidade social. Revista MUSAS, 2007, págs. 130-152.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, EDUSC, 1999. 256 págs.

DAVIS, Mike. Planeta Favela. Ed. Boitempo. 2006. 272 págs.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Favela como Patrimônio da Cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, p.49-66, Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2266/1405>.

HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva. São Paulo: Vértice. 2013.

OLÍMPIO, Jaqueline. Casamento na Palafita – Contos da Baixa do Sapateiro. In: Livro de Contos e Lendas da Maré. CEASM – Núcleo de produção editorial Maré de Letras, 2003, págs. 35-38.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, 1993, págs. 7-28.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos Históricos, v. 2, n. 3, CPDOC, 1989, págs. 3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br>.

_____ Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, v. 5, n. 10, CPDOC, 1992, págs. 200-

212. Disponível em: <http://reviravoltadesign.com>.

RICOEUR, P. A memória exercitada. In: Memória, História e Esquecimento. Editora da UNICAMP, 2007, págs. 71-105.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. Maré: a invenção de um bairro. (Dissertação). CPDOC - Fundação Getúlio Vargas. 2006.

SOARES, Bruno César Brulon. Da fumaça do passado ao perfume do museu: a musealização dos patrimônios íntimos. In: Máscaras guardadas: musealização e descolonização. (Tese de doutorado). Universidade Federal Fluminense.

Projeto Maré de Histórias. Disponível em: www.museudamare.org.br/maredehistorias.

História da Maré. Disponível em: <http://redesdamare.org.br/blog/uncategorized/a-historia-da-mare/>.

Museu da Maré: Memória e (Re)Existências. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4qv--b7E5KE&t=1898s>.